

KARL BARTH

DÁDIVA E LOUVOR

ARTIGOS SELECIONADOS

Seleção e Prefácio

de

Walter Aitmann



1986

DIFICULDADE E PROMESSA DA PROCLAMAÇÃO CRISTÃ¹

O amável convite a mim dirigido pelo Sr. Superintendente Geral Dr. Jacobi para falar na sessão de hoje continha a solicitação de apresentar aos Srs. uma "introdução à compreensão da minha teologia". Sempre fico um tanto embaraçado ao ouvir falar tão seriamente de "minha teologia". Não talvez por achar que aquilo que faço seja outra coisa, algo melhor do que pura e simplesmente teologia. Essa doença de infância, de me envergonhar da teologia, acredito ter superado mais ou menos. Alguns dos Senhores talvez a conheçam e eventualmente também já a superaram. Embaraçado fico, porém, porque tenho que me perguntar um tanto perplexo de que haveria de consistir propriamente essa minha teologia, onde é que estaria essa catedral ou esse castelo que merecesse essa designação e sobre a qual eu lhes pudesse oferecer uma "introdução", ou digamos, um esquema básico. Já tive alguma dor de cabeça por causa disso e preciso lhes confessar abertamente que aquilo que eu poderia chamar de "minha teologia", se é que o posso, no final das contas consiste, olhando bem, de um único ponto, e este não é, como se deveria exigir ao mínimo de uma teologia que se preze, uma *posição*,² mas sim um ponto matemático, sobre o qual não é possível a gente ficar parado, um ponto *de vista*, apenas. Tudo o mais que faz parte de uma boa teologia está, no meu caso, ainda muito no começo, e nem sei se jamais passará disso, nem se devo desejar que chegue a isso alguma vez. Realmente não nutro a pretensão, portanto, de produzir algo que se iguale ou mesmo se compare às obras que os grandes e veneráveis criadores de programas e sistemas teológicos produziram e ainda produzem. Não seja a minha contribuição para a discussão teológica bem como aquilo que quero dizer hoje entendido como um empreendimento que concorre com a teologia positiva, liberal, histórico-religiosa ou de Ritschl, mas sim como uma espécie de observação à margem, ou glosa, que, a seu modo, se dá bem com todas estas, ou também não; porém, estou convicto de que ela perde o seu sentido no momento em que quiser ser mais do que isso, ocupando espaço e tomando seu lugar como nova teologia ao lado das outras. Se Thurneysen, Go-garten e eu de fato "fizemos escola" no sentido normal da palavra, estamos liquidados. Minha opinião é realmente esta: que cada um *fique* em sua escola e com seus mestres, e talvez apenas tolere como *corretivo*, como a "pitada de canela", nas palavras de Kierkegaard, aquilo que eventualmente haja de relevante nes-

1 Palestra para uma convenção de pastores em Schulpforta. Publicação original: BARTH, Karl. Not und Verheißung der christlichen Verkiündigung. *Zwischen den Zeilen*. Miin-chen, Christian Kaiser Verlag, 1 (1): 1-25. 1922. Tradução de Walter O. Schiupp.

2 "Standpunkt".

sa observação à margem. A relação entre "minha teologia" e as outras teologias propriamente ditas é comparável à relação entre a Comunidade dos Irmãos³ e as confissões e igrejas propriamente ditas; em todos os casos ela não quer formar nenhuma nova orientação. E agora já preciso expressar um segundo pedido: que não me interpretem como orgulhoso ou convencido, se assim estou me negando a me postar na fileira ao lado dos outros. Pois sei que não se pode ficar parado no ar, mas, quer queira, quer não, um pé sempre está calcando algum ponto na terra. Sei que não sou nem o primeiro nem o único que almeja uma *theologia via-torum*⁴ que perpassa todas as modernas possibilidades teológicas à esquerda, à direita e ao centro, entendendo-as a todas, englobando-as a todas, e a todas superando. Quem é que hoje não quer se colocar de alguma forma "acima das facções"? Também sei disso, que nenhum desses teólogos a caminho, reais ou supostos, — se os deuses não o amaram tanto, que o deixaram morrer cedo — conseguiu concluir seu trajeto sem construir, se não uma catedral ou castelo, então ao menos sua tenda cigana, a qual então, se lhe agradasse ou não, foi tomada como uma *nova* teologia, como texto, e não como uma glosa apenas. O próprio Kierkegaard, na tábua do xadrez teológico a mais afoita e irrequieta das peças, não teve outro destino. Assim também "nós" teremos que nos conformar com o fato de que para muitos, também desta vez, o que está havendo é que mais uma teologia está aparecendo, um tanto esquisita, ocupando espaço no pensamento humano, adentrando-se pela história, bastante questionável ao lado dos seus vizinhos antigos e novos de peso tão imponente, provavelmente algo como um neo-supranaturalismo místico ou bíblico, para não dizer um neo-marcionitismo. Não podemos impedir que assim o pareça, apenas podemos assegurar, se é que se procura compreender isso que se está vendo aí, que nós não intencionamos nem estamos preparando semelhante escola ou sistema, mas sim - aí é que está: da "dificuldade e promessa da proclamação cristã" é que lhes quero falar hoje.

Permitam-me que lhes explique isso um pouco. Faz parte do assunto. Durante 12 anos fui pastor como os Srs. todos e *tinha a* minha teologia, não a minha, é claro a do meu mestre inesquecível Wilhelm Herrmann, enxertada sobre a orientação reformada,⁵ que recebi menos consciente do que inconscientemente em minha terra natal e a qual hoje devo e também gosto de representar *ex officio*. Independentemente desta minha linha habitual de pensamento teológico, fui lançado cada vez mais, por toda uma gama de circunstâncias, de encontro ao problema bem específico dos *pastores: o da pregação*. Procurei ajeitar-me entre a problemática da vida das pessoas por um lado e o conteúdo da Bíblia por outro. Às *peessoas, para* dentro da inaudita contradição de sua vida é que eu devia falar como pastor, mas falar da mensagem não menos inaudita da *Bíblia*, que se defronta como novo enigma ante essa contradição da vida. Quantas vezes essas duas grandezas, a vida e a Bíblia, me pareceram (e ainda me parecem!) como Scilae

3 "Brüdergemeine"

4 "Teologia dos caminhantes", ou "teologia a caminho".

5 "Reformiert": designação utilizada na Europa para caracterizar as igrejas protestantes de tradição calvinista e zwingliana, não-luterana. (N. do T.)

Caribde: Se este é o "Donde?" e o "Para onde?" da proclamação cristã, quem haverá de ser, quem é que poderá ser pastor nessas condições? Tenho certeza de que todos os Srs. conhecem esta situação e aflição. Muitos dos Srs. que a conhecem talvez se caleem muito mais profunda, vigorosa e vivamente do que eu, e a estes nada tenho a dizer: já foram introduzidos à minha teologia. Enquanto ficaram calados, eu *falei*. Calar tem o seu tempo, e falar, a sua ocasião. Eu não super-valorizo a possibilidade de se falar, também já desejei ter calado, ao invés. Mas simplesmente foi assim: a conhecida situação do pastor, sábado em sua escrivaninha, domingo no púlpito, concentrou-se para mim na forma dessa observação à margem de toda teologia, por último tomando a forma volumosa de todo um comentário da carta aos Romanos, e algo semelhante se passou com meus amigos. Não que eu tivesse encontrado uma *saída* daquela situação crítica, *justamente isso é que não*; o que se deu, porém, foi que precisamente esta própria situação crítica me serviu de esclarecimento para a natureza de toda teologia. Que outra coisa pode ser a teologia, senão a expressão dessa situação sem saída, da questão insolúvel do pastor, a descrição mais autêntica possível do aperto em que se mete a pessoa que se arrisca assumir essa tarefa, portanto um chamado de socorro em meio à aflição e à esperança de salvamento? Que outra coisa pode ela fazer para cumprir sua tarefa tanto *cultural* — e a teologia tem essa tarefa — bem como a *pedagógica*, frente aos jovens que mal fazem ideia e que ao mesmo tempo estão a cismar do que fizeram ao resolver "estudar para pastor", como se costuma dizer — que pode ela fazer, senão conscientizar-se sempre de novo desta sua mais íntima e mais autêntica essência, ao trabalhar sobre as suas tradicionais matérias históricas, sistemáticas e práticas? Ou que situação seria mais característica do que precisamente *esta*, *no* que tange a profissão para a qual prepara a teologia? Mas como se explica, agora, que a atividade teológica tão pouco deixa transparecer que ela esteja preparando para essa profissão, que leva a este situação? Eu me perguntava por que era assim, que o próprio sinal de interrogação e de exclamação colocado pela existência pastoral praticamente não tinha qualquer importância na teologia que eu conhecia, de modo que, ao entrar no pastorado, a verdade me assaltou como que à mão armada? Será que a minha pergunta realmente era apenas *minha*, será que outros conheciam a saída que eu não encontrava? Eu até que conhecia as saídas por eles utilizadas, mas eram tais que nelas eu não conseguia enxergar saídas reais. Mas por que então as teologias que eu conhecia procuravam descrever essa situação, se é que ao menos chegavam a tocar nela, como se fosse uma situação suportável e superável, ao invés *de compreendera* sobretudo uma vez, olhar de cara para ela — para talvez descobrir que o objeto mais próprio da teologia se manifesta justamente nesta situação com toda a sua insuportabilidade e insuperabilidade? Não valeria a pena, perguntava-me eu, verificar de que modo a teologia é iluminada justamente daí? Não seria melhor que a teologia, para o seu próprio bem, afinal não quisesse ser outra coisa senão o saber da aflitiva e promissora situação e questão do proclamador cristão? Não é assim que tudo mais resultaria por si mesmo deste saber? Atormentado por esta pergunta - e pergunto mais uma vez: seria apenas uma pergunta minha, casual? — pus-me então a trabalhar na carta aos Romanos, o que inicialmente representava apenas uma tentativa de me comunicar comigo mesmo. É claro que agora se encontram

ali muitas coisas aparentemente outras: teologia neotestamentária, dogmática, ética, filosofia. Mas os Srs. o entenderão melhor, se por entre tudo isso ouvirem sempre de novo o pastor perguntando: "Que significa pregar?" e, não "Como se *faz* isto?" mas "Como é *possível* que se pregue?" A outra coisa que lá se encontra já é um reflexo, não a própria luz, para a qual vi sendo voltado o meu olhar, e para a qual quero mostrar. E assim veio aquilo que agora já está querendo ocupar um certo espaço como sendo a "minha teologia", ou digamos, como "teologia do corretivo". — Estas coisas todas eu não lhes estou narrando com a intenção de molestá-los com minha biografia, mas para lhes mostrar em que sentido a minha intenção, ao menos primariamente, não é criar uma nova teologia, mas, a bem dizer, a de *iluminar* de fora a teologia, a saber, iluminá-la a partir dali onde os Srs. se encontram, talvez não como teólogos, mas em todos os casos como pastores. Quer-me parecer que nem *poderá* ser de outra maneira, senão que hoje haveremos de nos entender, se concordarem comigo neste um ponto, de que *no fundo*, contanto que os Srs. simplesmente ignorem com humor e boa vontade um ou outro detalhe que se deve ao acaso, eu não venho munido de uma nova e surpreendente teologia, mas, seja qual for a *sua* teologia, apenas quero colocar-me a seu *lado*, compreendendo e participando da sua situação. Por isso peço que me compreendam se hoje lhes falo menos na qualidade de professor catedrático do que como um pastor que se dirige a colegas. Não há dúvida de que ante a situação em que nos encontramos neste particular, esta é a maneira mais indicada de me desincumbir da tarefa colocada. Se é que eu não teria apenas um ponto de *vista* mas também *umaposição*, trata-se então simplesmente aquela do homem colocado no púlpito, cuja posição é a de ter diante de si a misteriosa Bíblia bem como um número maior ou menor de misteriosas cabeças de ouvintes seus — sim, qual dos dois seria mais misterioso? Em todos os casos: "*E agora?*" Se me for dado trazer novamente à sua lembrança de modo bem presente esse "*E agora?*", com todo o seu peso, então eu não apenas os conquistei para a *mr^a posição*, que de qualquer forma é também a sua, mas também para o meu *ponto de vista*, seja qual for a sua opinião acerca da minha teologia.

Quando os sinos ressoam domingo de manhã para chamar a comunidade e o pastor, eles dão a impressão de que há no ar a *expectativa* de um grande e significativo *evento*, que algo de grande e significativo, sim decisivo está *acontecendo*. Agora de nada importa quão intensa seja essa expectativa nas pessoas em questão, sim, nem se há pessoas que sequer a nutrem conscientemente. A expectativa está aí, ela emana de toda a situação. Temos aí uma antigúfssima e venerável *instituição*, tantas vezes atacada de fora, e com violência, e, com maior frequência ainda, muito mais seriamente comprometida por dentro, porém de uma inabalável capacidade de vida ou digamos, de existir, capaz de se transformar, e ao mesmo tempo perseverante, antiquada e, via de regra, também moderna (seja lá o que for considerado moderno a cada época), se bem que ela não aprecie nenhuma das duas caracterizações, mostrando-se até agora vitoriosamente à altura dos mais violentos abalos de ordem intelectual, política, social e até religiosa — e por que não haveria de ser assim também no futuro? Sua existência, seu estar aí se fundamenta numa reivindicação que parece estar em grotesca contradição com

os fatos, e cuja justificação e viabilidade a rigor somente poucos, e estes ainda não lá muito notáveis, ousam negar de voz aita, inequívoca e integralmente. Temos aí um *edifício* cujo próprio aspecto exterior, já nem considerando os símbolos, as imagens e os utensílios de que está ornado, já revela na linguagem de antiga ou recente arte arquitetônica que ele está destinado a ser o cenário de coisas extraordinárias. Temos a *í pessoas*, talvez somente duas ou três, como acontece ocasionalmente nestas paragens, ao que se diz, mas talvez também algumas centenas, que, levadas por algum instinto ou vontade singular, afluem em direção a este edifício, onde — procuram o quê? Satisfazer um hábito antigo? Sim, mas donde provém este hábito? Recreação ou instrução? Muito curiosa, esta recreação e instrução, em todos os casos! Edificação espiritual? Isto é o que se diz, mas o que é edificação? Será que elas os sabem? Ou sabem por que é que ali vêm? Em todos os casos elas estão aí — e que seja apenas uma velha mãezinha — e a sua própria presença já é indício de um evento pelo qual elas esperam ou ao menos parecem esperar, ou que no mínimo, nem que tudo estivesse morto e extinto, foi uma vez esperado antigamente. E temos aí sobretudo um *homem*, sobre o qual tudo parece repousar, sobre o qual parece pesar a expectativa do evento que deverá acontecer, não só porque ele estudou a técnica desse evento e a deveria dominar, não só por ser ele empregado e pago pela sociedade ou, quase sem que alguém se oponha, ao menos tolerado na função cujo sentido está nesse evento — não, não temos aí apenas um mecanismo, também há liberdade nisso tudo, pois ele mesmo é que escolheu essa profissão. Deus sabe qual foi o entendimento, ou também o mal-entendido que o motivou; certo é que ele empenhou sua curta vida, sua única vida, inteiramente na expectativa desse evento. E esse homem agora vai *orar* ante a comunidade e para a comunidade, entenda-se bem: orar — a Deus! Ele vai abrir a *Bíblia* e fazer a leitura de palavras de um alcance infinito, palavras que se referem todas elas a Deus. E depois ele vai subir ao púlpito para — que risco que ele corre, em todos os casos! — *pregar*, isto é, com seu pensamento e seu coração acrescentar algo àquilo que deverá ser lido da Bíblia, um muito consciencioso, com pensamentos "bíblicos" na medida do possível, outro com ideias ousadas ou também um tanto fracas passando ao largo da Bíblia: pois um preparou ontem uma prédica "positiva", o outro preparou uma de tendência "liberal"; mas será que isso importa tanto, se se considera o objeto? De Deus, em todos os casos, é que parece estar sendo falado, ao que se diz, querendo ou não. E então ele fará a comunidade *cantar*: hinos antigos, carregados de pensamentos graves, lúgubres, testemunhos estranhos e fantasmagóricos dos sofrimentos, das lutas e dos triunfos dos antepassados há muito desaparecidos, que levam todos aos confins de um acontecer incomensurável, todos eles, tanto faz se o pastor e a comunidade estão entendendo ou não aquilo que cantam, repletos da lembrança de Deus, sempre novamente de Deus. "Deus está presente!" Sim, *Deus está* presente. Toda a situação parece estar atestando, clamando, gritando que é assim, por mais questionável, pobre e desesperadora que ela seja na perspectiva do pastor ou da comunidade, sim, justamente então talvez mais do que ali, onde a abundância e, em termos humanos, o bom sucesso encobrem em parte ou por inteiro o problema da situação.

Mas que significa esta situação? Que é esse evento para o qual mostra a ex-

pectativa que nele se reflete? Que quer dizer "Deus está presente" neste contexto? Ao que parece, não é a mesma coisa como se disséssemos isso ante uma cerejeira em flor, a Nona Sinfonia de Beethoven, o estado ou também o trabalho honesto de cada dia, nosso e dos outros. Senão, para que todos esses aprestos supérfluos? Por que tem justamente *esta* situação algo de especial, se o alvo aqui não for um "Deus está presente!" bem especial, específico e mais ousado? Acaso não é verdade que quando as pessoas se dirigem para dentro *desta* situação, ou seja, vêm à igreja, elas então, sabendo ou não, têm atrás de si a cerejeira, a sinfonia, o estado, o trabalho e mais algumas coisas como possibilidades de certa forma esgotadas? A resposta "Deus está presente", sem dúvida contida de um ou outro modo em todas essas possibilidades, a participação dessas coisas no que é verdadeiro, seu atestado de que há um sentido na vida, parece que isto se tomou novamente questionável; os grandes enigmas da existência: a inescrutável mudez da assim chamada natureza a nos circundar, a casualidade e obscuridade de tudo que está isolado e no tempo, o sofrimento, o destino dos povos e dos indivíduos, o mal radical, a morte, tudo isto está novamente presente e fala, fala mais alto do que aquilo que nos quer assegurar que Deus está presente. Não, a pergunta não pode mais ser suprimida, ela está candente: *Será mesmo verdade?* Será verdadeiro aquele vislumbre de uma unidade do disperso, de um pólo em repouso em meio à fuga dos fenômenos, de uma justiça não alhures por detrás das estrelas, mas dentro do processo que é afinal a nossa vida, de um *céu* sobre a Terra - *sobre* a Terra, sim; mas sobre a *Terra?* Será verdade o que se fala do amor e da bondade de um Deus que seria mais do que um daqueles afáveis idolozinhos, cuja origem é tão fácil de se reconhecer, cujo senhorio tão pouco dura? *Será verdade?* — disso é que as pessoas querem tomar conhecimento, reconhecer, saber, e *por isso* é que apelam, sem saber o que estão fazendo, para a inaudita possibilidade de orar, abrir a Bíblia, falar, ouvir e cantar de Deus. *Por isso* é que elas vêm a nós, entram em toda aquela situação grotesca do domingo de manhã, que somente é a expressão potenciada dessa possibilidade. Entendamos bem: tomar conhecimento, reconhecer, saber é o que querem, não só ouvir afirmações e asseverações, por mais efusivas e entusiásticas que sejam. E aquilo de que querem tomar conhecimento, reconhecer, saber, *é: se é verdade;* portanto não qualquer outra coisa que fique fazendo rodeios em torno desse ponto crucial. Não nos deixemos enganar pelo fato de que este anseio dificilmente ou nunca se manifestará assim tão aberta e diretamente. É claro que *isto* as pessoas não sairão gritando por aí, muito menos aos ouvidos de nós pastores. Mas não nos iludamos com o fato de elas ficarem caladas: sangue e lágrimas, desespero extremo e esperança suprema, a veemente procura por *aquilo*, — não, por *aquela* que supera o mundo, porque ele é seu criador e redentor, o princípio e o fim, o senhor do mundo; a veemente procura, o desejo intenso de que se lhe diga a *palavra*, *aquela* palavra que promete graça *no juízo*, vida dentro da *morte*, o além dentro do *aquém*, a palavra de *Deus* — *isto* é o que move as pessoas que vêm ao culto, por mais sonolento, por mais burguês e vulgar que nos pareça na assim chamada realidade aquilo que procuram. De fato não é recomendável nos orientarmos em aspirações penúltimas e antepenúltimas das pessoas; se o fizermos, elas não darão qualquer sinal de gratidão. Elas esperam de nós que as compreendamos melhor do que elas mesmas se

compreendem; que as levemos mais a sério do que elas mesmas se consideram. Insensíveis nós somos, não quando tocamos fundo na ferida que eles trazem até nós, mas sim, se apenas a tocamos de leve, como se não soubéssemos por que é que vêm até nós. Enganados nós estamos não quando supomos que elas vêm com perguntas últimas e gravíssimas, mas quando achamos que se dão realmente por satisfeitas com respostas penúltimas e de menos peso. Sim, claro que o fazem por enquanto; ficam tocadas, alegres, satisfeitas, mesmo que não encontrem aquilo que procuram, mas sim (talvez sob forma religiosa, cristã, cristã-positiva) aquilo que basicamente poderiam encontrar até melhor em outro lugar. O catolicismo é o imponente exemplo de como se pode entreter e adormentar as pessoas, fazê-las esquecer seu anseio original oferecendo uma bem escolhida provisoriedade última. Mas não nos iludamos: *nós* não somos católicos, e nossas comunidades também não, nós nos encontramos num ponto demasiadamente avançado, no qual a medicação com os melhores narcóticos só pode funcionar ainda em parte e a curto prazo, apesar das tendências em contrário. *Não* dêem crédito a esses bem-intencionados que nos asseguram que desempenhamos bem a nossa tarefa, também quando dedicamos toda nossa habilidade a desviar do sentido da situação! Não dêem ouvidos aos medrosos que em meio a lamentações nos admoestam a que não tornemos séria a situação, que não passemos de repente a usar balas, ao invés de só dar tiros com pólvora seca! Esta *não* é a voz da igreja de Deus, a que ali se faz ouvir! A seriedade da situação entre nós está em que as pessoas querem ouvir a *palavra*, ou seja: a resposta à pergunta, se é *verdade*, a qual as está movendo, quer saibam, quer não. A situação no domingo pela manhã é, no sentido mais literal da palavra, *histórico-final*, escatológica, também sob a perspectiva das pessoas, ainda deixando a Bíblia totalmente de lado, por enquanto; isto é, quando surge esta situação, a história, a história no mais está no fim, passando a ser decisivo um anseio *último* da pessoa por um evento *último*. Se não compreendermos esta aspiração última, se não levamos a sério as pessoas na existência aflitiva que as trouxe até nós (repito: mais a sério do que elas se encaram a si mesmas!), nós não devemos nos surpreender que a sua maioria, sem que se transformem em inimigos da igreja, aos poucos vai deixando a igreja de lado, vai nos deixando sozinhos com aqueles bem-intencionados e medrosos. Seriam apenas motivos psicológicos que sempre de novo levam justamente filhos mais despertados de pastores e de teólogos a se juntar a essa multidão de tácitos fugitivos, ou acaso não se deve isso ao fato de conhecerem de perto essa realidade: o que propriamente procuram, dificilmente encontrarão conosco? Será que não tenho razão ao menos em parte, se digo: as pessoas estão desenganadas conosco, seja gente de cultura, seja de menos instrução, e desenganadas em seu mais profundo íntimo; quantas vezes, e quem sabe já há séculos, estão sendo simplesmente *despachadas* de modo barato, quantas vezes, justamente na bem intencionada tentativa de lhes vir ao encontro, nossa fala desconsiderou a preocupação real das pessoas? Não seria melhor, em vez de, por suposto amor humanitário, inventar sempre novas maneiras de despachar os desenganados, refletir uma vez se eles não estão esperando ser simplesmente levados *mais a sério na igreja*, ser melhor *compreendidos* em sua grande e insaciável inquietação na vida, mais do que em geral acontece justamente aqui (em contraste com as reuniões metodistas, comunistas ou antroposófi-

cas)? Acaso não surpreende que, ao se deixar ao menos batizar, confirmar, casar e sepultar por nós, eles estão mostrando que ainda não está totalmente apagada a expectativa que depositam em nós? Acaso não surpreende que ainda existem comunidades e regiões voltadas para a igreja? Para nós talvez fosse melhor que elas não existissem mais, para que notássemos finalmente a que ponto nós realmente chegamos. A longanimidade de Deus, que em grande parte ainda se apresenta a nós pastores na longanimidade ou talvez também apenas na sonolência do nosso público, não nos deveria desviar da penitência, que, também em consideração às pessoas, poderia ser o que se nos impõe no momento.

Mas este é somente *um* aspecto da situação no domingo de manhã; o outro é de alcance ainda maior. Exteriormente trata-se de que, ao menos em nossas igrejas protestantes, é aberta a *Bíblia*. —Vale a pena parar aqui por um momento para nos conscientizarmos do perigo imenso que surgiu quando os reformadores ousaram declarar a palavra de Deus expressa na escritura sagrada como sendo o fundamento e o alvo da igreja. Quem ainda nunca precisou *gerner* por causa disso *não* tem o direito de expressar por isso a sua alegria, contente de que tenha havido a Reforma. Pois por este meio os reformadores colocaram uma trava também do outro lado, que de boa consciência não possamos mais nos dar por satisfeitos com apresentações provisórias, como nossas comunidades no fundo também não se dão por satisfeitas com isso. Incomparavelmente mais segura, contínua e confiante segue o seu caminho a outra igreja, que sabiamente não deixou que se descobrisse esse perigoso princípio da palavra! E nós de forma alguma temos motivos para torcer o nariz ante conhecida segurança católica. Penso naquilo que um beneditino da Alsácia me contou uma vez de uma experiência na guerra: Estava ele, que era chefe de canto do seu convento, a entoar uma noite o Magnificai com seus confrades, quando de repente uma granada francesa atravessa o teto e explode em plena nave da igreja. A fumaça se esvai e o Magnificai é continuado. É de se perguntar se a prédica protestante também teria sido continuada? Acaso não é assim que nós todos, quando nos preocupava e afligia nossa incumbência de "ministros do verbo divino", como dizemos nós reformados, sentimos uma silenciosa saudade das "belas missas" do catolicismo e do invejável papel do sacerdote no altar, que, elevando o santíssimo perante o povo inteiro com toda aquela riqueza de significação com que o símbolo concreto sempre supera o símbolo da palavra humana, não só proclama com palavras a dupla graça do sacrifício da morte e da encarnação do filho de Deus, mas a faz realizar-se sob suas mãos, um *creator creatoris*? "*Leprêtre un autre Jesus Christ*"⁶, como uma vez ouvi proclamar literalmente na celebração da primeira missa de um sacerdote recém-ordenado. Se também o pudéssemos! Sim, também ali se interpreta a Bíblia, de passagem. Mas quão insignificante é o objetivo do sermão, como causa pouca preocupação! O mais sofrível sermãozinho de saída está garantido e salvo pelo brilho do milagre eucarístico. Pois na realidade é só por causa desse milagre que as pessoas vêm à igreja. Como é claro, compreensível, ordenado e viável o ca-

6 "O padre um outro Jesus Cristo".

minho de Deus até a pessoa humana, da pessoa até Deus, esse caminho que o padre católico tem que percorrer diariamente a partir desse evento central e sobre que ele deve instruir os outros. Que brilhante solução têm eles para o problema de embalar as pessoas numa última e imensa provisoriedade mesmo diante da mais profunda compreensão para aquilo que procuram na igreja, para mesmo diante do aparentemente mais violento abalo das almas e do mundo, não abalá-las de fato, dando ainda apesar de tudo a impressão de que agora estaria dita a última palavra que tudo resolve. Quem de nós teria o ânimo de questionar a força e o sucesso querigmático do sacramento católico do altar, a pretexto de que *nós* teríamos algo melhor? Para nós está claro que o de melhor que a Reforma quis ter colocado precisamente no lugar da missa eliminada. Deveria ser — nossa proclamação da palavra. Pois *verbum visibile*, isto é, proclamação da palavra ilustrada de forma concreta, é o que entre nós sobrou de sacramento. A Reforma nos tirou tudo, cruelmente nos deixando apenas a Bíblia. Não vamos fazer a roda voltar um pouco, ao menos um quarto ou oitavo de giro? Será apenas uma sensibilidade e tolerância maior que hoje nos impede de chamar, com a questão 80 do Catecismo de Heideberg, a missa papal de uma "negação do sacrifício e sofrimento único de Jesus Cristo bem como uma maldita idolatria", ou será que também perdemos *exusia*?⁷ As conhecidas tendências de *ampliar* a base tão estreita, terrivelmente estreita, da proclamação cristã protestante já estão a revelarem demasia a saudade a que muitos de nós se entregaram numa moleza de espírito por demais compreensível. Haveria prova mais contundente, para citar apenas uma, da direção em que vai essa viagem, do que a proposta até muito humorística de se preencher a dolorosa lacuna que se sente na igreja da *palavra*, por um assim chamado "sacramento do - *silêncio*"! A profunda impressão causada entre nós pelo deprimente livro de Heiler acerca da oração não dá mais o que pensar do que o próprio livro? Quer dizer então ao se ouvir homens sérios voltarem *atrás* do catolicismo ao considerarem seriamente até a introdução da dança na igreja? As dificuldades que induzem a tudo isso são por demais conhecidas. É duro que aqui a Reforma tenha colocado uma trava que não removeremos tão facilmente, que a nossa situação, passados 400 anos, está definida também neste sentido, podendo ser obscurecida, mas não modificada fundamentalmente pela fumaça dos variados incenses que hoje se quer acender novamente. É duro que as fronteiras entre a terra de Javé e a terra de Baal estejam, como o ilustra a imagem, fechadas não hermeticamente, porém efetivamente para nós; que a proclamação da palavra bíblica de Deus simplesmente está atribuída a nós com todo o peso de uma realidade histórica e que nós não mais poderemos nos livrar dela por inteiro. É duro termos que ficar sob a tenebrosa sombra da Reforma, mesmo que seja apenas como a geração de epígonos que somos, ao invés de iluminados pela alegre luz da Idade Média, tal como ela emana do final do "Fausto" de Goethe, em sua segunda parte. Sim, tão duro-como este outro fato do qual há pouco falamos: que é na expectativa da palavra, da resposta à pergunta "*Será verdade?*" que os nossos ouvintes e não-mais-ouvintes estão diante de nós e diante da nossa

7 "Autoridade", no sentido atribuído pelo NT por ex. a Jesus. (N. do T.)

igreja. Scila e Caribde a se olharem mutuamente e entre as quais nós temos que nos ajeitar.

Mas temos que nos ocupar um pouco mais detidamente com *aquela* aspecto da situação que está caracterizado pela Bíblia aberta sobre o púlpito e o altar. Que é que nos causa tanta dificuldade em permanecermos sobre o chão do princípio reformador, o princípio da escritura? Não venhamos agora com bagatelas a título de resposta! Não é a idade, o distanciamento, o caráter estranho da Bíblia (como, digamos, sua estranha "cosmovisão") que nos causam dificuldade. Nem tampouco a fascinante concorrência de um Goethe ou Schiller, Buddha ou Nietzsche, frente à Bíblia. E via de regra também não o fluxo por demais copioso da própria inspiração, que talvez se sentiria restringida pelos esquemas de pensamento bíblicos. Não, a Bíblia nos amedronta em sua estranheza, porque ela traz, procedente do *outro* lado, uma nova e grande (*maior!*) expectativa e tensão para dentro da situação da igreja. Se a comunidade *traz* para dentro da igreja primariamente a grande *pergunta* da vida humana e *procura* por sua *resposta*, a Bíblia traz ao contrário primariamente uma resposta, e o que ela *procura* é a *pergunta por esta resposta*, pessoas a perguntar, que querem compreender, procurar e encontrar essa resposta como tal, como resposta à pergunta correspondente. Também essa linha ao longo da qual se movimenta todo o mundo de ideias da Bíblia, parece passar por ali onde o excesso de fatores negativos no balanço da vida está a questionar toda uma série de grandes e valiosas possibilidades, ou seja justamente ali onde surge por parte da pessoa a pergunta: "Será verdade?". Com uma unilateralidade assustadora a Bíblia simplesmente ignora todos aqueles estágios da vida humana em que esta crise eventualmente ainda não esteja aguda, onde a pessoa ainda está em condições de se consolar com uma ingenuidade ainda incólume com a presença de Deus na cerejeira, na sinfonia, no estado, em seu trabalho diário. Com uma urgência assustadora ela se interessa apenas por *aquela* estágio — seria o estágio mais elevado ou o mais baixo? — onde a dúvida acometeu a pessoa. Também o louvor e agradecimento e alegria e certeza na Bíblia não se encontram do lado de cá da linha, mas do outro lado, onde a pessoa passou a procurar, pedir, bater à porta, onde ela está passando por aquela dificuldade última que procura por ajuda e que, digamos uma vez: leva à igreja. Atentem os Srs. -apenas para mencionar um exemplo central: onde a linha da Bíblia cruza *nos Salmos* a linha humana da vida, ali nós encontramos a resposta de forma muito clara: na consciência de culpa, na doença, na situação de ameaça pelo inimigo pessoal ou nacional, no distanciamento de Deus e das coisas divinas, na dúvida e no desespero, na transitoriedade e na morte. Desta forma a Bíblia de início se coloca mui simplesmente ao lado da pessoa que se conscientizou de sua situação e. que lhe dirige a pergunta — pensemos no salmo 42, pensemos em Jó — *se é verdade*, que haja nisso tudo um sentido, um alvo e um Deus, uma vez que no mais por toda parte essa certeza começou a cambalear. - Dois pontos há, entretanto, que distinguem a Bíblia do consciente dessa pessoa que está a despertar. Em primeiro lugar é a Bíblia apenas que dá à sua pergunta sua real premência e importância: e isso a ponto de levar mesmo o mais assustado, o mais humilhado e desesperado mais uma vez à beira de um abismo do qual ele nem tinha ideia; a pon-

to de alegria e sofrimento, bem e mal, luz e trevas, sim e não, que conhecemos como contradições da nossa existência, achegarem-se de repente muito próximos um do outro e até a nossa pergunta mais ardente e candente, que afinal nos leva a levantar as mãos em súplica para Deus, apagar-se e calar-se; a ponto de sermos levados ao reconhecimento de que todo nosso perguntar foi apenas preparo e exercício, e agora apenas é que surge a questão se estamos a perguntar *seriamen-te*, se queremos perguntar por *Deus*. Quando o sofredor Jó chora as suas penas, ele se refere a um sofrimento que em termos humanos não tem fim. Quando Paulo fala do pecado, ele não quer dizer com isso os pecados que nos incomodam no dia-a-dia, mas o pecado de Adão, no qual fomos gerados e com o qual nascemos, o pecado que não deporemos enquanto o tempo durar. Quando os escritos de João falam das trevas deste mundo, não se trata apenas de uma daquelas escuri-does dentro e ao lado das quais ainda existe toda sorte de luzinhas para todo aquele que não se quer dar como incurável pessimista, mas *daquela* escuridão diante da qual perde todo o interesse a questão se é melhor ser otimista ou pessimista. E quando Jesus Cristo morre na cruz, sua pergunta não é um simples "Será verdade?", mas: "Deus meu. Deus meu, por que me desamparaste?". Houve quem achasse necessário desculpar a Jesus sob o pretexto dificilmente sustentável de que esta não seria a expressão de verdadeiro desespero, não se dando conta de que ela na realidade não é menos, e sim mais do que dúvida e desespero; é *derelictio*, é estar perdido e abandonado, como ainda o sabiam os antigos dogmáticos. Sofrer significa na Bíblia: sofrer por causa de *Deus*. Pecar: pecar contra *Deus*. Duvidar: duvidar de *Deus*. Faltar: faltar contra *Deus*. Em outras palavras: O doloroso reconhecimento dos limites da humanidade que a pessoa humana pode obter com relativa clareza nos altos e baixos de suas experiências na vida, passa a ser na Bíblia a mensagem da *cruz* como ordem do santo Deus sob a qual está colocado o ser humano aqui e agora e de uma vez por todas. A cruz é a exigência de Deus de que nós perguntemos por ele, por Deus, e que por toda a vida, mesmo que todas as outras perguntas fossem solucionáveis, não nos safemos nem fuçamos mais *desta* pergunta. De modo claro e cada vez mais evidente sobe à tona em toda a Bíblia do Antigo e Novo Testamento esta mensagem, tornando-se livre de toda ambiguidade e de qualquer mal-entendido em Jesus Cristo. Ela procura pessoas que podem e querem perguntar por Deus, que estão em condições de fazer as *suas pequenas perguntas* — e qual delas então *não* fica pequena? — desembocarem *na grande* pergunta, de se colocar debaixo da cruz, o que quer dizer: colocar-se diante de Deus. "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados." Para que? "Tomai sobre vós o *meu* jugo!" Também não por parte de pessoas as mais despertas, que mais estão à procura, não se entende isto por si só: que elas sejam pessoas tão cansadas e sobrecarregadas que elas tomem sobre si o *seu* jugo, o jugo *de Cristo*. Isto nós nunca chegamos a compreender, mesmo que já o tenhamos compreendido mil vezes. — O segundo ponto decisivo é este: que as perguntas vitais do ser humano também em sua forma mais elevada apenas são perguntas ante as quais a resposta procurada se encontra como algo segundo, algo outro, que ainda precisa ser acrescentado. Entretanto na forma em que a *Bíblia* concebe a pergunta vital humana traduzida para a forma da pergunta por *Deus* como ela se nos coloca, nem se pode falar nem ouvir a pergunta sem já se

ouvir uma *resposta*. Quem pode dizer que ali, para onde nos leva a Bíblia, só se ouve afinal um grande "não", só se enxerga um enorme buraco, demonstra assim que *para ali* ele ainda não foi levado. *Este "não" é precisamente "sim"*. Este juízo é graça. Esta condenação é perdão. *Esta* morte é vida. *Este* inferno é céu. *Este* Deus terrível é o pai amoroso que abraça o filho perdido. O crucificado é o res-surreto. E a palavra da cruz como tal é a palavra da vida, eterna. Não há um segundo, algo outro que necessite ser acrescentado à pergunta. A pergunta é a resposta. Onde estaria a verdade e realidade, a fundamentação dessa inversão, que é o sentido de toda a Bíblia? Eu não conheço outra, senão a realidade do Deus vivo, deste que é, que ele é, do que se fundamenta a si mesmo. A Bíblia se abstém de quaisquer fundamentações de Deus. O que ela faz é testemunhar revelação. Nós vimos a sua glória, e a vimos *assim*: como a resposta dentro da *pergunta*. Como se pode perceber, reconhecer, saber a resposta de forma outra senão esta? Mas a *resposta é o primário*. Não haveria pergunta, caso não houvesse a resposta. Somente para que ela realmente possa *ser resposta* é que ela precisa vir sobre ele como pergunta. Deus é a plenitude do "sim"; somente para que o *compreendamos como Deus* é que temos que passar pelo seu "não". A porta estreita leva para a vida; só porque ela é *esta porta* é que ela tem que ser tão estreita. "Eu vos aliviarei!" E "o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." Somente para que isso se *torne realidade* em nós é que temos que tomar sobre nós o jugo e o fardo. "Quando me *buscardes* de todo o vosso coração, *farei com que me acheis*."⁸ Só mesmo o *Senhor* é quem pode falar assim, pode identificar o procurar com o achar, a pergunta com a resposta. A Bíblia, porém, testemunha que ele *realmente* fala assim. - Isto é então o que constitui o *outro* lado da situação da igreja. Será que me expressei bem? Trata-se da expectativa *ainda maior* que a Bíblia traz para dentro desta situação. E a expectativa é esta: Onde estão as pessoas que reconhecem na pergunta colocada pela Bíblia a sua própria pergunta e então *den-tro* desta pergunta a resposta de Deus: definitiva, redentora, a criar novas as coisas. vivificante, trazendo ventura, colocando o tempo e tudo que está no tempo sob a luz da eternidade, gerando esperança e obediência? Onde estão as pessoas que têm olhos para ver o que olho nenhum viu, ouvidos que ouçam o que nenhum ouvido ouviu, corações que compreendam o que não entrou em nenhum coração humano? As pessoas que querem e podem receber o Espírito Santo como penhor daquilo que *ainda não* apareceu, nem aos filhos de Deus apareceu, precisamente aos filhos de Deus deixou de aparecer? As pessoas que querem e podem crer em *promessa* dentro de sua dificuldade? *Deus* é que está esperando, *Deus* é que está procurando por tais pessoas. Não é a nossa vida, os nossos assuntos, desejos e necessidades que estão em questão na Bíblia, mas a questão é que o *Senhor* está a procurar trabalhadores para a sua vinha. Diminuto e insignificante é na verdade aquilo que a *comunidade* espera dentro da situação da igreja, por mais profundamente que o compreendamos, se o comparamos com aquilo que a *Bíblia* aberta está a esperar, com uma mudez igual á da comunidade, mas caracterizada por um grau de realidade bem diferente. Se esse despertar das pessoas

8 Adaptado de Almeida RA, com base na versão alemã do autor. (N. do T.)

que caracteriza a situação, é grande e significativo, ele somente o é sob a luz daquilo que *Deus* espera aqui. Por isto deve ser levada a sério a expectativa humana, sim, ela nem pode ser levada suficientemente a sério, por ser uma sombra da grande expectativa com que Deus entrou em cena primeiro. Trata-se de uma situação assustadora, quem o negaria? É de fato plausível que preferamos nos esquivar dela. Mas aqui nós não conseguiremos escoicear contra o aguilhão: precisamente naquela direção donde provém originalmente aquilo que assusta nesta situação, precisamente para o lado da Bíblia é que *nós* estamos, repito, pré-fixa-dos, por aquilo que sobreveio à cristandade há 400 anos.

O evento para o qual está orientada a expectativa de ambos os lados é a proclamação cristã. E a pessoa que se encontra — não no centro, mas na linha de frente, no lugar mais exposto neste evento é o pregador cristão, o pastor. Pois ele é, visto do ângulo das pessoas que no domingo vêm - ou não vêm - à igreja, o primeiro, em todos os casos, que lhes deveria dar *resposta*, e, visto do ângulo da Bíblia, ele deveria ser o primeiro a se colocar sob a *pergunta* de Deus, pôr-se dentro da pergunta por Deus, sem a qual a resposta de Deus não pode tornar-se verdadeira para nós. Se ele fizesse isto: responder àquilo que *as pessoas perguntam*, mas responder como uma pessoa que é ela *mesma indagada por Deus*, sim, então se poderia dizer que ele — está falando a palavra de Deus que as pessoas nele procuram e que Deus lhe incumbiu de falar. Pois como pessoa realmente indagada por Deus e como pessoa que realmente está a perguntar por Deus, ele saberia então a resposta de Deus, podendo assim dar resposta a essas pessoas que com a *sua* pergunta estão justamente esperando pela resposta de Deus, mesmo que não o saibam. Sim, se *este* fosse o caso, haveria então evento mais significativo, mais decisivo do que a proclamação cristã? Toda a situação da igreja seria de repente compreensível se ela constituísse a moldura *deste* processo, justificada estaria a existência do pastor, se ele fosse o mordomo desse evento, sentido faria justamente essa atividade que no protestantismo deve constituir o centro do seu ministério: a pregação como interpretação da escritura, se é que ela deve representar proclamação da palavra de Deus. Não é quase uma banalidade, se digo agora: nada há de mais importante, mais urgente, necessário, útil, libertador e benéfico, nada há, visto do céu ou da terra, que melhor corresponda à situação real, do que o falar e ouvir da palavra de Deus em seu poder da verdade a julgar e reanimar, em sua seriedade que a tudo arranca pela raiz e a tudo reconcilia, em sua capacidade de iluminar para dentro da *época* e suas conturbações e ainda mais além, para a claridade da *eternidade*, e sempre as duas coisas ao *mesmo tempo*, e uma coisa *através* da outra e *dentro* da outra, a Palavra, o Logos do Deus vivo? Per-gunfemo-nos a nós mesmos e nisso pensemos em Jesus Cristo, se a vontade de Deus não está a ungir, se o estado de espírito das pessoas, das pessoas de hoje aqui na Alemanha de 1922 não está clamando por esse evento? Mais uma vez: Que não seria nossa proclamação cristã se ela fosse este evento! E que ela o seja, esta é a promessa que ela possui: se levamos a sério a nossa situação como pastores. nós não *podemos* senão dar nosso "sim" a esta promessa. Ela *está dada* com o levar a sério da nossa situação entre comunidade e Bíblia, Levar a sério aqui não pode ser outra coisa senão tomar e acreditar na promessa de Deus que se en-

contra por detrás desta situação peculiar, confiar nela e obedecer a ela. - Mas aqui precisamos nos deter um pouco. Esta é a *promessa* da proclamação crista: que *falamos a palavra de Deus*. Promessa não é cumprimento. Promessa significa que o cumprimento nos está prometido. Promessa não elimina a necessidade de se crer, mas a fundamenta. Promessa é a parte *da pessoa humana*, cumprimento é a parte *de Deus*. Que aquilo que é de Deus, também é do ser humano, *isto* só pode ser *crido*. "*Nós* temos este tesouro em vasos *de barro*." Nada de confusões entre a parte de Deus e a do ser humano, entre o tesouro e os vasos de barro! Por que é que essa troca não acontece a ninguém tão facilmente como, por exemplo, a nós teólogos e filósofos descuidados, logo a nós, que deveríamos ter conhecimento de causa? Creio que isto está claro: que estejamos falando a palavra de Deus nós também só o podemos crer. A palavra de Deus na boca de pessoa humana, isto não é possível, isto não ocorre, isto não se pode intencionar nem realizar. Pois o agir de Deus é o evento para o qual se orienta a expectativa tanto do céu como da terra. Outra coisa não pode satisfazer as pessoas a esperar, e outra coisa não pode ser a vontade de Deus, senão que seja ele mesmo que o faça. A palavra de Deus é, portanto, e quer e tem que ser e permanecer palavra *de Deus*. A aparência de que seria diferente perverte a coisa em seu contrário, ainda que fosse a mais brilhante, cristã e bíblica das aparências. Cumprimento antecipado também nos rouba a promessa.

E neste ponto temos que falar agora do *terrível perigo* inerente à situação da igreja. Não se presta ela muito bem para dar a impressão de que aqui haja pessoas que se propuseram e - quem sabe? — já conseguiram tomar em seus lábios a palavra de Deus como se fosse sua própria palavra? Entenda-se bem: tanto mais perigosa fica essa impressão, tanto mais perigosa a situação, quanto maior o êxito, o sucesso e cumprimento que se aliar a esse propósito. Tanto mais, quanto mais cheias estiverem as nossas igrejas, quanto mais abençoado e satisfatório for, digamos, nosso trabalho, nossa atuação. Que significa bênção? Que quer dizer satisfação no pastorado? Será que os profetas e apóstolos, — de Jesus nem vamos falar —, será que eles dão a impressão de terem sido pessoas que conseguiram, ao final de sua vida contemplar enfim um passado abençoado e satisfatório em suas vidas? Estranho, o quanto estamos passando melhor do que eles! Que pode significar isto? Isto significa em todos os casos que deveríamos uma vez levar um susto radical. Que é que fazes, homem, com a palavra *de Deus* em *tua* boca? Como chegaste a este papel de mediador entre céus e terra? Quem te autorizou a te postares aí a produzir enlevo religioso? Inda mais com sucesso e êxito? Que outra coisa pode significar isto senão presunção máxima, supremo titanismo bem como — em palavras menos clássicas, porém tanto mais claras: o cúmulo do mau gosto! Ninguém viola impunemente os limites da humanidade, ninguém invade impunemente os privilégios de Deus! Mas não são ambas as coisas inevitáveis na profissão do pastor? Não é assim que toda a situação da igreja constitui uma indizível presunção do ser humano, muito pior do que aquilo que sua petulância se arroga em outras áreas? Eu diria: Se for por Deus, é bem possível que/ró'0 seja assim que nós em nossa qualidade de *pastores dentro* da situação da igreja estejamos sãos e salvos como um incêndio ante o fogo. Mas se for pelas pessoas humanas, isto é

impossível. Ao que *nós* sabemos, apenas podemos dizer: Onde é que se pode falar tão seriamente da ira de Deus como no que tange a nós pastores? Ou será que ignoramos o quanto justamente nós nos encontramos sob o juízo, e não o digo em sentido apenas espiritual, religioso ou em qualquer sentido inofensivo, mas de modo extremamente real: Moisés e Isaías, Jeremias e Jonas sabiam perfeitamente por que é que não queriam se colocar na situação de pregadores. Igreja é, a rigor, algo impossível. Pastor, a rigor, não se pode ser. Pregador — quem é que já tem a permissão para isto, quem consegue fazê-lo, se sabe do que se trata aqui? Não se nos apresenta ainda de modo suficientemente drástico a crítica situação da igreja? Quando a saberemos interpretar? Qual dentre as muitas objeções levantadas contra a igreja bem como contra o cristianismo, seja pelas pessoas de cultura, seja pelas sem instrução entre os que a desdenham, que não contivesse em última análise esta objeção que no fundo teríamos que levantar contra nós mesmos, se estivéssemos bem conscientes do que precisamente estamos ousando como pastores? Não seria melhor que simplesmente nos expuséssemos um pouco a essas objeções, sejam elas justificadas ou não, inteligentes ou tolas, reconhecendo que elas devem ter alguma razão, assim coma Davi se expôs às pedradas de Simei, filho de Geras, ao invés de logo pegarmos nas armas da nossa apologética tão sutil quanto questionável em seu valor? Não seria mais recomendável que deixássemos que certos temporais que ameaçam desabar sobre nós, tranquilamente nos lavassem, em vez de logo nos opormos a eles com medidas preventivas? Não seria mais saudável para nós que lêssemos Feuerbach, ao invés de revistas pasto-ral-teológicas e similares, e isto sem logo tentar tirar a cabeça do laço? Se Deus — pois este milagre é *possível*, se for por *e/e* —, se ele nos escolheu e nos quer justificar *como pastores e dentro* da situação da igreja, então em todos os casos, apenas no *juízo* sobre nós mesmos, no *juízo* sobre a igreja, no *juízo* sobre o nosso pastorado. Pois é somente *então* que podemos receber a promessa, somente *então* é que podemos vir a crer. Somente quando nós, não só como seres humanos de um modo geral — isto seria cómodo demais, pois ninguém é simplesmente um ser humano em geral! —, mas precisamente como líderes espirituais,⁹ precisamente em nossa posição de mediadores, tomarmos sobre nós a pergunta, a grande e por excelência humilhante, até mortal pergunta que Deus dirige a tudo que se chama de "carne", precisamente então apenas é que estaremos em condições de sermos "espirituais", isto é, de percebermos a resposta de Deus bem como também dar a resposta às pessoas sobre a *sua* pergunta. Somente quando nossa proclamação provém de uma aflição real é que nosso ministério passa a ser *uma/n/s-sao* a ser desempenhada. E é somente esta missão que pode legitimar nossa proclamação. Há sentido em que o sumo sacerdote no grande Dia da Reconciliação, conforme Levítico 16,¹⁰ tinha que oferecer, imolar e sacrificar um novilho como sacrifício pelo pecado, "para que reconclie *a si e à sua casa*", e *depois disso* sacrificar o bode como sacrifício pelo povo. Não seria aconselhável oferecermos uma

9 "Geistliche" normalmente seria reproduzido com "clérigos", mas o autor aqui faz uso simultâneo do outro significado da palavra, o de "espirituais". (N. do T.)

10 Almeida RA fala de "expição" em lugar de "reconciliação", "Versöhnung". (N. do T.)

vez esse novilho e entrementes ao menos deixarmos o bode ainda com vida? Se recusarmos, por exemplo, que o juízo comece pela casa de Deus, se nos recusarmos a nos colocar a nós mesmos bem como nosso ministério e nossa igreja ali onde se deve encontrar toda carne, se não for isto o primeiro com que sempre de novo *começamos* e em que sempre de novo pensamos *primeiro* e que *precisa* anteceder ao nosso trabalho na escrivaninha e à nossa fala do púlpito, se quisermos nos esquivar, oculta ou abertamente, do radical desilusionamento que isso significa, alegando razões mundanas ou cristãs, se lançarmos um ataque contra o mundo, contra as ideologias não-cristãs, contra a massa a-religiosa, etc., sem que esse ataque antes nos tenha atingido a nós mesmos de cheio, atingido a ponto de se nos trancar a palavra na garganta ao falar contra os lá de fora, e se quisermos falar do pecado, do pecado do *Eritis sicut Dei*,¹¹ sem antes termos dito a nós mesmos: *Tu és este homem, tu mais do que todos os outros!* — como então não ha-*verfamos de permanecer* sob o juízo, do qual a palavra de Deus nos quer arrancar e salvar, claro, com toda a carne? Pois essa recusa significaria que/?ao nos damos por satisfeitos com a promessa, que não queremos crer. Como então poderíamos chegar a ouvir e falar nós mesmos, e em nossas comunidades, como poderia vir a ser percebida, reconhecida e tornar-se atuante a palavra *de Deus*? Como haveríamos de ser dignos de crédito então? Como proclamar realmente, e não só em palavras, perdão dos pecados, ressurreição da carne e vida eterna? *Dignos* de crédito apenas passamos a ser através da nossa consciência de sermos /ndignos de crédito! A fala convincente acerca de Deus somente existe ali onde a própria proclamação cristã se encontra em meio à *dificuldade*, sob a *cruz*, dentro daquele *per-guntar* pelo qual Deus pergunta primeiro, antes de responder. Dessa dificuldade nós não devemos querer *sair*. Isto foi o que o jovem Lutero teve a objetar contra o catolicismo medieval: que este quis *sair* dessa dificuldade. Cada página, quase, em sua explicação dos Salmos e da Carta aos Romanos, reflete o quanto ele ficou horrorizado ao fazer a descoberta de que aquilo que os escolásticos e os místicos estavam praticando era, como ele o caracterizou na Disputa de Heideberg em 1518: *theologia gloriae*, a ingénua procura por enlevo religioso, uma *fuga* ante o perguntar pelo qual Deus pergunta para poder dar a sua resposta. *Aqui é* que ele enfiou a sua pá, definindo sua teologia, a teologia reformadora, em cujo chão, ao que se diz, nos encontramos, como *theologia crucis*, concebida sobre aquele ponto em que a pessoa abandonou também aquilo que tem de melhor e mais *elevado, justamente* isto, colocando-o sob o juízo e *assim* aceitando a promessa pela fé, *somente* pela fé, porque ela mesma está tomada pela misericórdia sem fundo,¹² fundada somente em si mesma, porque *Cristo o crucificado é*. em sua *dere-Hctio*,¹³ o portador da promessa. "Foi ele, e não nós mesmos, quem nos fez seu povo e rebanho do seu pastoreio."¹⁴ Como é que as pessoas poderão ouvir isto na proclamação da igreja, se nem a própria igreja talvez o tenha ouvido ainda?

11 "Sereis como deuses".

12 "Grundios" aqui tem o duplo significado de "sem motivo" (portanto "sem merecimento", "espontânea") bem como de "sem fim", "desmedida". (N. do T.)

13 "Abandono".

14 SI 100,3; adaptado de Almeida RA segundo a versão alemã do autor. (N. do T.)

Será que nos encontramos sobre o chão da *theologia crucis*? Esta me parece ser a questão vital que se coloca às nossas igrejas protestantes, hoje que temos motivos mais que suficientes para notar o que é cruz. Hoje precisamos de pastores *sérios*. Isto mesmo, mas numa seriedade voltada para a *causa* da igreja, e de forma alguma à igreja como tal. A seriedade pastoral muito humana, voltada para a igreja, não está mais à altura da seriedade quase que divina da situação de hoje. Precisamos de pastores *hábeis*. Sim, mas não de habilidade *nos negócios*. A administração da palavra não é um negócio, por mais brilhante que seja. A habilidade terá que se mostrar em situações conhecidas geralmente apenas a pessoas de pouca habilidade nos negócios: no fracasso e na ineficiência, no mais completo isolamento, em fechamentos negativos talvez até o fim da vida. Precisamos de pastores *devotos*. Sim, quando devoção significa obediência ao chamado "Siga a m/W, que talvez nos retire de tudo aquilo que à esquerda ou à direita se chama de devoção. Mas reflitam os Srs. mesmos o que poderia significar seriedade, habilidade, devoção sobre o chão da *theologia crucis*. Se nele nos queremos encontrar, precisamos dar resolutamente as despedidas a tudo aquilo que se acha na linha do sacramento católico do altar, desse símbolo mais genial de uma glória eclesiástica que julga poder *escapar* ao juízo e se priva justamente *da graça*, que não se dá por satisfeita com a promessa, mas quer ter, gozar e viver o cumprimento — sim *vivê-lo*, como se o caminho para viver o cumprimento não passasse pela morte de toda glória humana, e primeiramente da glória eclesiástica! Sob hipótese alguma nem em sentido qualquer devemos querer ser *creatores creatoris*.¹⁵ A Deus não nos cabe *produzir*, mas *proclamar*. Nestas sílabas está a diferença.¹⁶ Aquilo que está na linha do sacramento do altar é *fuga* ante a dificuldade da proclamação cristã, e por isso também uma fuga ante a *sua promessa*. Na verdade, não é pouca coisa o que se faz nesta linha e nem de longe parece ser católico, mas sim muito evangélico e sobretudo muito moderno. Deixo com os Srs. refle-tir se ela não pode ser encontrada até no fundo das nossas mais habituais atua' coes homiléticas e poimênicas, em nossas formas eclesiásticas *tradicionais* e ainda muito mais nas novas e mais recentes tendências precisamente no campo das formas eclesiásticas; mas também fundo, muito fundo nas exposições sistemáticas e históricas da nossa teologia em todas as suas diversas linhas. Ela passa por todos aqueles lugares onde aparece um ter, que não fosse também um não-ter, uma pressa sem esperar, um dar sem receber, um possuir sem privação, um saber sem desconhecimento, um estar com a razão sem um não-ter-razão, um estar sentado sem um levantar-se, uma presença do reino dos céus onde não há sequer um "pobre no espírito". Sobre esta linha não se pode chegar a nenhuma certeza, a nenhuma vitória. Pois o Deus do qual provém certeza e vitória reside numa luz à qual ninguém pode chegar, e como tal ele quer ser reconhecido e adorado. Esta é a crise da proclamação cristã. Entenda-se bem: ao falar desta linha fatal eu de modo algum estou querendo fazer uma crítica em qualquer direção. O assunto pouco se presta para partir para acusações. Eu não ignoro que muitas coisas po-

15 "Criadores do Criador".

16 "Nicht zu erzeugen haben wir Gott, sondern ihn zu *bezeugen*."

dem estar sendo ditas e feitas a partir da dificuldade e por isso da promessa da proclamação crista, muitas coisas que à primeira vista parecem estar assustadoramente próximas a essa linha fatal. Que tome o seu curso tudo aquilo que hoje é dito e feito em termos de proclamação crista pela direita e pela esquerda, pêlos defensores de uma igreja nacional e pêlos que advogam a igreja universal,¹⁷ pêlos velhos e pêlos jovens. *Fiat, fiat!*¹⁸ "Cada macaco no seu galho faça bem o seu trabalho. E se vai bem em sua raia, veja que nela não caia."¹⁹ O caso aqui não é de se opor polemicamente uma nova posição ou mesmo apenas uma negação a este ou àquele, mas de levar a uma reflexão em torno do que se está falando e fazendo por a f, reflexão sobre esta uma coisa necessária, inevitável com que nossas igrejas, com que nós pastores e teólogos principalmente, hoje mais do que nunca, de fato nos defrontamos, reflexão que significa *relembrar o sentido* do que estamos a dizer e fazer. Quem sabe se essa reflexão não fará com que uma ou outra coisa deixe de ser dita ou de ser feita, ou que seja dita e feita de modo diferente que até agora? Ou até talvez que as mesmas coisas continuem a ser ditas e feitas, apenas sob a luz de uma nova opinião? Em princípio, reflexão não significa nem posição nem negação, mas justamente apenas — uma observação à margem, "a pitada de canela". Reflexão em todos os casos não precisa nos separar, mesmo que seus resultados teóricos e práticos não sejam os mesmos para todos nós. Eu acredito que deveria ser basicamente possível entendermo-nos acerca dessa reflexão até com um teólogo católico, por último até no que diz respeito ao sacramento do altar, sem que lho queiramos tirar sequer. A dificuldade e a promessa da proclamação cristã, o juízo divino e a justificação divina se encontrarão em última análise também por detrás da igreja do Tridentino.²⁰ Existem momentos católicos suficientes dentro de nós protestantes que nos fazem supor que a causa da Reforma também ali do outro lado não pode estar simplesmente morta. Ou que outra razão teríamos nós para esta suposição? Tanto menos motivo temos nós para nos defrontarmos mutuamente talvez com esta suposição. Tampouco, porém com a suposição de que a causa da Reforma fosse algo de natural entre nós. Ela *não é* algo natural para nós. *Nós não* podemos deixar de lado a questão, se a conhecemos, se ela está viva em nós, para passar para a ordem do dia. A causa da Reforma precisa despertar em nós hoje, amanhã e sempre de novo. Reforma hoje deveras não é menos possível e necessária do que há 400 anos. Reforma ocorre ali onde ocorre reflexão. Se os Srs. no dia de hoje se depararam com a ânsia por Reforma mais sob a forma de séria preocupação do que de qualquer outra, considerem os Srs. que nem pode ser diferente. O suspiro "*Veni creator spiritus!*"²¹ é, de acordo com Rm 8, mais cheio de esperança do que de triunfo, como se já estivesse presente. Os Srs. terão recebido uma introdução à "minha teologia", caso

"Volkskirchier und Hochkirchier". "Assim seja, assim seja!".

"Sahe jederwo er bleibe, sehe jederwie er's treibe, und wer steht, daB er nicht falle." O Tridentino, ou Concílio de Trento, foi o que fixou dogmaticamente a reação contrária da Igreja Católica-Romana ante a Reforma e suas doutrinas. (N. do T.) "Vem, Espírito Criador".

tiverem ouvido esse suspiro. Se o ouvirem e entenderam, e talvez o entenderam melhor do que lhes teria agradado, então os Srs. também compreenderão que eu gostaria de concluir com uma confissão de *esperança*. Trata-se de algumas frases da explicação de *Calvino* referente a Miquéias 4,6 ("Naquele dia, diz o Senhor, congregarei os que coxeiam, e recolherei os que foram expulsos e os que eu afligira."). "Mesmo que a igreja", diz *Calvino*, "atualmente mal possa ser distinguida de um homem morto ou inválido, não se deve desesperar; pois de repente o Senhor reanima os seus, como se despertasse os mortos da sepultura. Isto sim, precisa ser levado em consideração; pois quando a igreja não brilha, nós logo a acreditamos extinta e acabada. Mas a igreja é mantida no mundo de forma *tal*, que ela ressurgue de uma só vez da morte, sim, no final esta sua manutenção se dará todos os dias através de muitos desses milagres. Guardemos isto: A vida da igreja não é sem ressurreição, mais ainda: sem muitas ressurreições. *Tenendum est, ecclesiae vitam non esse absque resurrectione, imo absque multis resurrectionibus.*"